

CONVOCATÓRIA PARA O 1º CONGRESSO DA POLOP

(redigido por Ernesto Martins*).

Companheiros,

Em todos os debates realizados até agora, chegamos à conclusão de que a tarefa principal dos marxistas brasileiros consiste na formação de um partido independente da classe operaria. Concordamos que os assim ditos "Partidos Operários", ou a "esquerda", como é popularmente chamada, não preenchem essa função no cenário político do país. O PC falhou na tentativa de se tornar o partido do proletariado brasileiro, o PSB nunca teve essa preocupação e o PTB não passa de uma agência da burguesia no meio dos trabalhadores.

Isso, para nós, já se tornou ponto pacífico e, quando chegamos a essas conclusões, não fizemos mais que concordar com o velho Engels, quando afirmou que *"a nossa tática tem uma coisa em comum em todos os países modernos e em todas as circunstâncias: levar os operários à formação de um partido independente e oposto a todos os partidos da burguesia"*.

Os países modernos, aos quais Engels se refere são, evidentemente, países onde surgiu um proletariado industrial e uma burguesia, isto é, onde estão se desenrolando relações capitalistas de produção. Quando Engels salienta que esse partido operário deve ser não só independente, como também oposto a todos os partidos burgueses, ele tira tanto uma conclusão teórica, quanto uma experiência prática das lutas de classes. A longo prazo há mais comunhão entre o mais reacionário e o mais radical dos partidos burgueses, do que entre estes e o partido proletário. Em todas as crises de sistema social, todas as facções da burguesia defendem as relações de produção baseadas na propriedade privada.

Como estas constatações já se tornaram lugar comum, nós nos limitamos, até agora, a levantar o problema nos debates. Há, porém, dois pontos fundamentais a serem esclarecidos para enfrentar as soluções: 1) Como chegar ao dito partido nas condições concretas das lutas de classe no país; e 2) qual é a forma que o partido tomará sob estas condições.

Os dois pontos fundamentais, a nosso ver, são intimamente ligados. Já declaramos por diversas vezes que a mera reunião de tantos e quantos indivíduos, ou mesmo grupos existentes que resolvam "fundar" um partido, não representa ainda uma solução. Isso criaria um mero rótulo, como já foi tentado em tantas dúzias no passado, sem deixar traços. O surgimento de um partido do proletariado brasileiro será um acontecimento de alcance tão profundo, que mudará não só o panorama político do país como toda a sua história futura. Tal acontecimento não se dará por um ato meramente formal, que não tenha outra base do que a vontade subjetiva de revolucionários. Um partido é um organismo vivo, com problemas mais complexos. Ele consiste não somente de nome, estatutos e de um programa adotado. Ele existe na medida em que disponha de órgãos de base, que levem a luta para adiante, e essas bases são compostas de quadros. E já que pretendemos romper com a tradição de um partido burocrático, constituído de cima para baixo, dividido numa direção que pensa (ou recebe ordens de fora) e uma base que

* "Ernesto Martins" foi um dos pseudônimos utilizado por Eric Sachs em seus escritos políticos, antes e durante a ditadura militar.

executa, devemos colocar a premissa da existência de um mínimo de quadros com experiência revolucionária, para que o novo partido possa funcionar democraticamente e para que a base possa de fato determinar a "linha". Pressupõe isso ainda que esses quadros falem uma linguagem comum, que encarem os fenômenos da luta de classes sob um ângulo comum e que tenham pelo menos tanto em comum, para que uma minoria possa se submeter à decisão da maioria, sem que isso se choque com as suas concepções revolucionárias de princípio.

Isso, entretanto, não esgota ainda o problema. No Brasil de hoje, além disso, não é mais possível levar a sério um "partido operário", composto principalmente por elementos da pequena-burguesia. Mas quando falamos da necessidade da presença do proletariado no partido, não nos referimos a simples adesões na periferia da organização, mas sim à criação de quadros políticos da classe operária. Num organismo democrático, esses dirigentes operários farão sentir a sua presença ao lado dos intelectuais e estudantes revolucionários, sendo indispensável a sua colaboração ativa na elaboração tática da luta; e num organismo que se intitula de "partido" esses quadros políticos operários terão de estar na maioria.

Um partido desse gênero requer uma base material para a sua existência. Requer que os grupos de revolucionários se liguem ao movimento operário existente e que este movimento amadureça o bastante para fornecer os necessários quadros políticos a um partido. Parece que estamos perante um círculo vicioso. De um lado, faltam ainda os elementos básicos para um partido de classe, que poderão dar à luta política um conteúdo mais consistente. De outro lado, a luta tem de se desenvolver e intensificar para que surjam os elementos políticos necessários à formação de um partido. Esse círculo se romperá, todavia, se encararmos o fenômeno da formação do partido como um processo. Nossa tarefa é tomar consciência das leis que regem esse processo, para poder aprofundá-lo.

Já chamamos à atenção, durante os debates, sobre o conteúdo que Marx dera ao termo "classe" quando falava de "**classe em si**" e de "**classe para si**". Esta é a classe política, que revela consciência de seu papel social e que apresenta reivindicações e objetivos próprios. A outra já existe como fator econômico e social, mas não despertou ainda para um papel político independente. Há uma relação entre o processo da formação de um partido operário e o despertar da classe política, mas os dois fenômenos não são propriamente idênticos. Houve países, e momentos históricos, em que o proletariado se portou como classe independente, sem, todavia tirar ainda conseqüências organizatórias ou teóricas. Todavia pode-se afirmar que a formação do partido depende do estado de evolução da classe que representa.

O proletariado brasileiro ainda se encontra em pleno processo de formação como classe política. Seu atraso se deve, em parte, a causas objetivas, à sua juventude, o contínuo afluxo de elementos do campo, etc., e em parte a causas subjetivas, a renúncia dos partidos tradicionais, como o PC, em despertar a sua consciência de classe e em dar-lhe uma educação socialista.

O que caracteriza, na prática, a situação do proletariado brasileiro? Antes de tudo, o domínio e a tutela que a burguesia nacional exerce sobre ele, de um modo tão vasto ainda, que impede a sua participação na política nacional como fator independente. Materialmente esse domínio é realizado por meio do Ministério do Trabalho, da legislação sindical herdada do Estado Novo e demais apetrechos clássicos da máquina de opressão do Estado burguês. Ideologicamente, essa tutela é exercida pelas várias teorias que pregam uma comunidade de interesses entre a burguesia e o proletariado (desenvolvimentismo, nacionalismo), e que têm como conseqüência tácita o sacrifício das reivindicações próprias da classe operária. Para

julgar esse aspecto da questão da tutela burguesa, é importante assinalar, todavia que ela continua a existir, principalmente, porque está sendo defendida, em teoria ou na prática, pelos partidos chamados de esquerda. O domínio e o estrangulamento da vida sindical no país é uma questão de força. Sancionada em lei, a burguesia dispõe dos meios, polícias, tribunais, cadeia, para impô-la. Nesse sentido, ela não age diferentemente do que agia a burguesia européia nos séculos 18 e 19, a qual procurava impedir o surgimento do movimento operário, mediante a chamada "proibição de coligações". Hoje não é mais possível proibir simplesmente os sindicatos operários. A história mostra que as tentativas nesse sentido se revelaram contraproducentes. Hoje procura-se controlar e corromper os órgãos sindicais. O descaramento com que a nossa burguesia sustenta esse controle, mediante um sistema legislativo conservado intacto durante os últimos 25 anos, só é possível por ela dispor, no trabalhismo, de um agente direto na classe operária e que se veste como movimento operário e, em última análise, porque grande parte dos comunistas e socialistas se aliaram ao PTB na política nacional. O domínio burguês sobre os sindicatos, porém, não mais corresponde às relações de forças materiais entre as classes. Suas causas são encontradas no terreno ideológico.

Essa tutela ideológica, já o dissemos, a burguesia exerce hoje preferencialmente por meio das "teorias" de desenvolvimentismo - sem por isso desprezar recursos mais antigos, como o clero, o patriotismo, a ignorância cultivada por meio de um sistema de educação arcaico, etc. O "*desenvolvimentismo*", como é aceito nas chamadas esquerdas e nas cúpulas sindicais, se apresenta geralmente sob o signo do nacionalismo e a fusão das duas ideologias é tendência geral. Também nesse terreno a nossa burguesia não mostra excessiva originalidade e usa essencialmente os mesmos argumentos clássicos do capitalismo europeu do século passado. Do mesmo modo, ela prega uma pretensa comunidade de interesses de classes, a paz social para o desenvolvimento do país, para que em data futura, e sempre futura, sejam resolvidos os problemas sociais e a miséria existente. O culto da renda per capita reviveu, e sua elevação faz parte hoje de qualquer meta oficial, como fez parte da bagagem ideológica dos reformadores liberais dos tempos de Marx. Com uma diferença, todavia: naquele tempo ainda se sonhava com uma sociedade burguesa ideal, a qual se realizaria quando a renda da nação atingisse certo nível. Hoje, as previsões sobre o futuro do capitalismo são mais céticas e a alternativa do socialismo começou a se impor. Hoje, os apologistas da reforma burguesa se limitam a afirmar que somos pobres demais para pensar em experiências socialistas, temos de passar primeiro pela escola do capitalismo nacional, etc. Mas mesmo esse gênero da argumentação está destinado à falência, em vista dos exemplos da Rússia e da China, que fizeram as suas revoluções em estado de desenvolvimento mais primitivo do que se encontra presentemente o Brasil. Por enquanto, a burguesia e seus ajudantes eficientes no movimento operário se limitam a esconder esses fatos.

Finalmente não devemos esquecer que a penetração das idéias desenvolvimentistas no meio operário foi facilitada por uma hábil exploração dos sentimentos antiimperialistas reinantes nas massas. Com essa aventura (não sem perigo para ela) a burguesia pretendeu matar diversos coelhos com uma só cajadada. Em primeiro lugar era importante para ela procurar neutralizar a luta antiimperialista, que tinha de se dirigir contra si mesma, pois ela, apesar de todas as divergências internas, colabora com o imperialismo, aceita a sua cooperação para o desenvolvimento e o apoio na política internacional. Em segundo lugar, soube aproveitar esse movimento, quando achava útil, para melhorar a sua posição na aliança que conserva com o imperialismo - onde está relegada ao papel de "primo

pobre". E em terceiro lugar, o problema da luta antiimperialista, da maneira como foi colocado pela chamada esquerda, reforça a aparente comunidade de interesses e justifica, mais uma vez, os sacrifícios por parte do proletariado.

Qual é o nosso papel, como pequeno grupo de revolucionários, que surgiu sob o nome de Juventude Socialista, nessa situação em que se desenrolam as lutas de classes no país?

Acredito que as nossas atividades têm fundamentalmente dois aspectos, que se completam. Em primeiro lugar devemos trabalhar conscientemente, e desde já, para a formação de um partido independente, operário. Disso faz parte o fortalecimento da nossa organização, o estudo e o esclarecimento dos problemas teóricos e a propagação da idéia do partido, principalmente no meio operário. Mas devemos igualmente procurar influenciar sobre todos os outros grupos e movimentos que surgem, para que ajam no mesmo sentido, dentro e fora dos partidos tradicionais.

Em segundo lugar, devemos procurar, com todos os meios de que dispomos, influir sobre a evolução da nossa classe operária, apoiar intransigentemente todas as lutas econômicas e todas as suas manifestações de amadurecimento de classe, e procurar acelerar o processo espontâneo com os recursos que possuímos. Também nesse terreno encontraremos aliados, dispostos a marchar conosco, pelo menos parte do caminho.

Parece evidente que, nas atuais condições da luta de classes no país, e mesmo levando em conta a premissa mais favorável de uma atividade legal, o próximo passo para o surgimento de um partido operário será a formação de um partido de quadros, em escala limitada, como condição para a criação de um organismo em escala mais vasta. Um grupo de 4.000 a 5.000 militantes já se poderia apresentar na luta como um partido, sem cair no charlatanismo político. Dispondo de uma boa representação operária, ligada à produção, já representaria uma força material no cenário político do país e estaria em condições de passar, em certos setores, da propaganda à ação revolucionária.

Não somos de opinião que o processo de formação de um tal partido se dê forçosamente mediante um simples crescimento do nosso lado. Os aliados, que encontrarmos nas diversas fases da luta, poderão se desenvolver politicamente, de modo que as divergências em questões de princípio fiquem superadas. As lutas internas nos partidos tradicionais nunca acabarão e produzirão sempre novas cisões e, finalmente surgem, ou existem, grupos dos quais só tomamos conhecimento com o tempo. O que temos de evitar são fusões apressadas, criações fictícias e "unidades" das quais não se sabe em torno de que.

Há presentemente no país uma legião de ex-militantes da esquerda, que procuram um campo de ação e, entre eles, muitos revolucionários sinceros, os quais acreditamos que ainda têm um papel para preencher. Sua composição, todavia, é a mais heterogênea possível. Uns criticam o PC de um ângulo marxista; para outros, o marxismo é "sectário". Outros, nunca se preocupam com o problema do marxismo no Brasil. Uns vêm com os esquemas de luta política prontos e elaborados, tal como a revolução russa os produziu (ou pelo menos como é alegado); para outros, a revolução brasileira é tão diferente, que não temos que aprender nada com os russos. Essas contradições aparecem geralmente quando se coloca o célebre problema de "o que fazer"? Quando se coloca o problema em bases concretas, as águas se dividem.

Essa experiência é mais antiga do que a Juventude Socialista. Um dos ensinamentos que tiramos da história das lutas dentro e fora do PC nos últimos

anos, é que a grande maioria das tentativas de renovação e das cisões falhou porque os grupos e companheiros não souberam avaliar as relações de força e, conseqüentemente, as suas tarefas. Eles costumavam portar-se fora do partido com a mesma rotina de antes, criando fachadas, rótulos, planejando ações de massa, como pichamentos, lançamentos de folhetos e campanhas eleitorais, sem dispor dos quadros apropriados para atingir as massas. Desapareceram, quando se cansaram da ficção...

Para evitar esse destino inglório e para poder oferecer a nós e aos outros uma perspectiva de trabalho, temos de aprender, acreditar que aprendemos, a dar um passo atrás, para dar dois para a frente. Temos de criar os quadros políticos, indispensáveis para atingir e dirigir as massas. Lênin disse uma vez, — citando o jovem Kautsky — que a atividade fundamental da vanguarda é estudar, propagar, organizar. É uma atividade contínua, em todas as fases da luta. A ênfase pode mudar nas diversas circunstâncias, mas os três aspectos da atividade revolucionária continuam presentes em todos os momentos. Nós ainda estamos mais preocupados com o estudo, a análise, a aplicação do marxismo no Brasil, e estamos começando a propagar as conclusões. Eis a tarefa fundamental, no momento, para nós. O problema é de quadros, capazes de levar a luta avante e de enfrentar os problemas políticos à medida que surjam.

É evidente que quadros não se formam somente em discussões em salas fechadas. Isso pressupõe um movimento vivo, ligado estreitamente à luta espontânea e penosa, que está sendo travada por amplos setores do nosso proletariado, praticamente abandonado a si mesmo. Tudo indica que a classe operária não aceitará por muito tempo a atual situação. Seu instinto político não lhe permite mais satisfazer-se com o desenvolvimentismo e, se não tomou outro rumo, é porque ninguém ainda o mostrou. Niterói deu um exemplo de rebelião espontânea e desorganizada, quando a massa se sentiu burlada e traída. A greve dos ferroviários paulistas e o quase levante dos mineiros de sal de Cabo Frio, por sua vez, são exemplos heróicos de capacidade de luta de um proletariado que ainda não encontrou uma liderança digna. É sobre esses acontecimentos que temos de influir, e essa preocupação deve estar presente em todos os nossos pronunciamentos, todas as nossas ações e debates, seja no campo sindical, estudantil, eleitoral ou de política diária. A nossa importância para o futuro do movimento é justamente o fato de termos levantado a bandeira da política operária, oposta a todas as formas de política burguesa. Pelo que temos conseguido nesse sentido, com os nossos recursos precários, vemos que não fomos muito mal. Surgidos por último, entre os pequenos grupos, tornamo-nos o mais numeroso e com a melhor representação nacional.

Esse auto-elogio não é para nos enganarmos a nós mesmos. O fato de termos passado outros grupos mais antigos e mais pretensiosos foi possível em virtude da fraqueza deles e não é ainda um sinal da nossa invulnerabilidade. Todos nós sentimos - e isso se fez notar durante os nossos últimos debates — que chegou o momento de tirar um balanço das nossas atividades, para que possamos encontrar e definir melhor as formas de luta, que nos garantam uma continuidade do nosso crescimento e do amadurecimento político. Para criar uma base tão sólida para a organização, que permita levar as nossas atividades a um nível mais alto, o da atuação direta junto às massas assalariadas.

Acreditamos que também esse problema é uma questão de relações de forças. Já que somos um grupo pequeno, com uma capacidade de ação limitada, devemos concentrar as nossas energias sobre os problemas mais prementes e deixar de lado, na medida do possível, os secundários.

As nossas tarefas principais me parecem as seguintes, por ordem de importância:

- Temos de criar um programa para um partido operário no Brasil. Não vejo essa tarefa como simples elaboração de um documento. Antes de chegar a esse ponto, teremos de estudar e interpretar a realidade brasileira sob um ângulo marxista, teremos de analisar a situação mundial, e, não por último, assimilar boa parte da experiência da luta de classe em escala internacional. Na medida em que prosseguimos nessa obra, forneceremos ao movimento revolucionário metas mais claras e permitiremos aos militantes interpretar os problemas diários sem perder de mira o objetivo final.
- Temos de dedicar todo o nosso esforço e aproveitar todas as possibilidades para recrutar jovens militantes operários para a organização. Já dissemos que não somos um partido e nem pretendemos aparentá-lo. Todavia, o que temos é de dar exemplo, em miniatura, de um futuro partido operário e, nesse sentido, a questão da composição social do grupo é aguda para nós.
- Procurar influir, em cada momento da luta e com os meios que temos à disposição, sobre o desenrolar das lutas de classes no país. No presente momento isso significa que temos de encontrar meios de propagar as nossas opiniões sobre os setores mais avançados e de maior importância do proletariado. E temos de fazer isso, independentemente do fato deles já aceitarem ou ainda rejeitarem as conclusões do marxismo revolucionário. O que importa é que eles tomem conhecimento e que se lembrem delas em todas as crises, que virão.

Essas considerações já dominaram, em parte, as nossas atividades. Participamos da revista, a qual não se dirige a um público muito vasto, mas àqueles setores que podem fornecer militantes nessa primeira fase, de "rompimento do gelo". Apesar de ter aparecido irregularmente, suas conseqüências não demoram aparecer. Esse trabalho continuará, mas já não é o bastante. Já se impõe a necessidade de um órgão, que apareça mais freqüentemente, se dirija a um público mais vasto e seja mais atual. Como conseqüência, sairá o jornal. Este abrirá novas possibilidades, mas simultaneamente imporá maiores exigências. Requer uma presença maior da nossa parte nos diversos setores da vida política do país, maior conseqüência na aplicação das nossas resoluções e uma certa mudança de estilo no nosso trabalho.

Um jornal exige uma equipe atualizada com os problemas da classe operária e do país em geral, uma precisão maior na definição das nossas posições e uma atuação ativa nos setores, onde consegue penetrar e abrir brechas. Devemos perder o receio de "chocar" os outros com as nossas opiniões, o que, na prática, leva a renunciar às possibilidades de penetração. O mesmo efeito tem uma certa impaciência manifestada em companheiros, quando se trata de discutir com prestistas, nacionalistas ou trotskistas. . Nossa força ainda são as nossas posições teóricas, são essas que garantem o futuro. O marxismo não é ciência oculta, nem monopólio nosso. A nossa tarefa é justamente divulgá-lo e levá-lo às massas mais vastas do exército de assalariados, pois já foi dito que a teoria, quando penetra nas massas se torna força material.

Onde surgiram partidos revolucionários da classe operária, isso foi sempre um produto de dois fatores: do marxismo e do movimento espontâneo do proletariado. O próprio Marx não fez outra coisa senão difundir o socialismo, em bases científicas, no movimento operário vivo.

O que diferencia a nossa situação da dos revolucionários do século passado, é que a luta pelo socialismo, o programa máximo, está hoje na ordem do dia em escala mundial, e mais tempo, menos tempo, far-se-á sentir na política nacional.

Hoje, o socialismo não é mais mera teoria, credo, ou esperança para um futuro indeterminado, de pequenas minorias, que têm de cavar penosamente o seu caminho. A alternativa à sociedade burguesa já existe. O socialismo, mesmo em suas formas primitivas, como o conhecemos pela experiência russa e chinesa, mostrou-se superior em dinâmica ao velho capitalismo e domina hoje o modo de vida de um terço da humanidade. Nossa tarefa é vencer o "*complexo da inferioridade social*", que está sendo incutido conscientemente ao proletariado brasileiro, mostrando as perspectivas novas, que o desenvolvimento socialista oferece justamente a países subdesenvolvidos, - quando dispõem de uma classe operária revolucionária.

O exemplo de Cuba indica hoje os rumos da revolução na América Latina. O antiimperialismo latente neste hemisfério encontrou um primeiro auge na Guatemala. Sufocado o movimento, estourou, anos mais tarde, sob forma muito mais radical, em Cuba. Os consagrados métodos de contra-revolução, que ainda deram resultado na Guatemala, não bastam mais para sufocar a revolução cubana. E se os Estados Unidos receiam intervir, eles próprios, nas Ilhas Caraíbas, a razão principal não é a oferta da ajuda militar soviética à revolução (a situação geográfica favorece os americanos numa guerra local e Washington sabe que a União Soviética não arriscaria um conflito mundial). É, antes de tudo, o medo das conseqüências que uma intervenção aberta poderia ter, a longo prazo, para a radicalização das massas no continente. Já agora, a revolução cubana, que nasceu como movimento da classe média, está tomando medidas que ultrapassam os métodos tradicionais da pequena-burguesia latino-americana, e, no campo externo, aceita a ajuda material do mundo socialista, para sobreviver. Na medida em que a revolução passe dos países agrários da América Central, para os países em industrialização do Sul do Continente, que já dispõem de uma classe operária, ela tomará de antemão um caráter mais proletário e mais socialista.

Hoje, o imperialismo americano mobiliza ainda as burguesias nacionais do Continente para o combate à revolução cubana, mas com isso contribui eficientemente para libertar as massas das influências de suas burguesias. Para tapar um buraco pequeno, abre outro muito maior e, queira ou não, prepara acontecimentos futuros nos quais temos um papel a preencher. A falta de senso histórico da classe dominante faz com que ela acorde surpreendida e atônita todas as vezes que cai um dos pilares do Antigo Regime. Nossa tarefa é não nos deixarmos surpreender pelo desenrolar dos acontecimentos e não deixar que isso aconteça à classe operária brasileira. É preferível surpreender aos outros.

Rio de Janeiro, 24 de julho de 1960.

(Fonte: "Andar com os próprios pés". Belo Horizonte. SEGRAC. 1994).